

# Reflexões acerca da patêmia no discurso sobre os moradores de rua de São Paulo no documentário **À margem da imagem**

## Reflexions on terms of emotion in discourse during a documentary about homeless in São Paulo **À margem da imagem**

Fernanda Silva Chaves\*

### Resumo

O apontamento das marcas linguísticas da emoção no discurso do cinema direto, a partir do documentário brasileiro “À margem da Imagem” (2003), de Evaldo Mocarzel, constitui nosso desafio de pesquisa. Partimos do entendimento empírico de que tais marcas, presentes especificamente no discurso desse tipo de produção, determinam todo um arranjo discursivo que visa a emocionar e persuadir. À luz das teorias da Análise do Discurso, utilizando como metodologia as tópicas propostas por Plantin (2010), pretendemos, ao final deste artigo, apontar outras perspectivas de reflexão para os estudos do discurso.

**Palavras-chave:** Emoções; Discurso; Documentário.

### Introdução

É na sua relação íntima com o “real” que o cinema documental brasileiro – especialmente após a década de 1960, com a herança deixada pelo Cinema Novo – faz da emoção um componente essencial na abordagem crítica dos problemas sociais das classes minoritárias: miseráveis, idosos, índios, homossexuais, entre outros. O ato de “dar voz ao outro” por meio de

---

\* Mestranda na Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG.

depoimentos, traz consigo toda a carga patêmica do discurso que nos envolve, emociona, argumenta e diz sobre a realidade que, direta ou indiretamente, afeta a cada um de nós.

É nesse breve contexto que este artigo buscará o apontamento das marcas linguísticas da emoção no discurso do cinema direto, a partir do documentário brasileiro “À margem da Imagem” (2003), do diretor Evaldo Mocarzel.

Partimos da premissa de que essas marcas, sobretudo em produções documentais como a que iremos analisar, determinam todo o arranjo do discurso patêmico da produção que visa a emocionar e persuadir. Entendemos que uma contribuição que este estudo poderá trazer é o apontamento dessas marcas a partir da metodologia proposta por Plantin (2003), que, de antemão, se apresentou como um instrumento que nos possibilitou abranger vários elementos no discurso: os termos da emoção.

Para que tal análise seja feita, recorreremos às considerações teóricas de Charaudeau (2010), Plantin (2003; 2010), Lima (2007; 2008) e Mendes (2008; 2010).

Sobre nossa metodologia de análise, utilizaremos as tópicas aperfeiçoadas pelo modelo proposto por Plantin (2010), aplicadas em um depoimento específico, selecionado entre os muitos que a produção traz, a partir de critérios que explicitaremos melhor nos próximos tópicos.

## **Sobre a produção**

O documentário “À margem da Imagem” (2004) foi produzido a partir dos estudos da pesquisadora e filósofa Maria Cecília Loschiavo dos Santos, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, e coordenadora do projeto “Aspectos do Design no Hábitat Informal das Grandes Cidades”. Nele, a professora pesquisou a situação dos moradores de rua nas cidades de São Paulo, Los Angeles e Tóquio.

“À Margem da Imagem” é o primeiro longa de tetralogia sequenciada pelas produções “À Margem do Concreto” (2006), “À Margem do Lixo” (2008) e concluída com “À Margem do Consumo” (ainda em fase de finalização). Nossa empiria foi produzida em duas versões: um curta metragem de 15 minutos e um longa de 72 minutos, sendo este último o nosso objeto de análise.

A produção é um mosaico de fragmentos de falas de moradores de rua (homens e mulheres) que contam suas histórias de vida, como e porquê foram parar na rua. Dizem ainda sobre a dureza do dia a dia, a busca pela sobrevivência, a discriminação e a dificuldade de arrumar dinheiro para sobreviver.

O documentário problematiza formas distintas da condição de marginalidade, especificamente: de uma subcidade que ninguém quer ver e reconhecer dentro da cidade de São Paulo; do morador de rua na luta contra a invisibilidade e a falta de reconhecimento dos seus direitos civis e humanos.

### **Aspectos teóricos dos estudos das emoções no discurso**

Na introdução do seu artigo **Patemização no tribunal do júri: emoções, imagens e discursos**, a pesquisadora Helcira Lima (2008) discorre sobre a condição, digamos, marginal, dos estudos das emoções em áreas do conhecimento como a filosofia. A autora aponta que, além da filosofia, o Romantismo também contribuiu para uma avaliação negativa acerca das emoções.

Como aponta a autora, foi por meio dos estudos da retórica clássica da atualidade que as emoções no discurso retomaram seu lugar. Tal movimento se deu através dos estudos linguísticos do *pathos* na argumentação, em sua tentativa de compreender como as emoções contribuem para a construção argumentativa dos discursos. Foi partindo para a reflexão do papel das emoções nos estudos da linguagem que estudiosos do discurso abriram o

questionamento sobre como as emoções poderiam ser objeto da Análise do Discurso (AD).

No ano de 2010, o Núcleo de Análise do Discurso (NAD), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), publicou o volume II do livro “Emoções no Discurso”. No prefácio da obra, a pesquisadora Emília Mendes faz referência à contribuição de Plantin (2010), que, em seu método de análise, estabelece um mapeamento que poderia ajudar a entender os diversos níveis de profundidade dos textos argumentativos em que estão inseridos os índices do discurso patêmico. Embora Mendes (2010) nos aponte as dificuldades de mapeamento dos discursos das emoções – pela sua plasticidade e pela intersubjetividade em que se inserem –, a pesquisadora exalta as contribuições vindas dos estudiosos do discurso na sua tentativa de descrição de como se dá a patemização no discurso.

Outra importante contribuição que mencionamos para os estudos do patêmico vem de Charaudeau (2010), que, tomando por base para seus estudos alguns conceitos vindos da psicologia e da sociologia, defende que a AD precisa buscar seu ponto de vista próprio, focando na linguagem que se constrói em uma relação de troca em que está inserido todo contexto sociocultural desses sujeitos e a forma como eles dizem sobre si e sobre o mundo onde vivem. Essa concepção, segundo o autor, está ligada à abordagem retórica da visada de efeito instaurada por categorias do discurso nas quais haveria uma patemia da emoção caracterizada por um conjunto de figuras.

Para Charaudeau (2010), as emoções são de ordem intencional (são de natureza racional, subjetivas, encadeadas por algo da ordem do desejo e manifestadas a propósito de algo que se imagina); estão ligadas aos saberes de crenças (diretamente associadas às informações que o sujeito possui sobre o mundo, concebidas a partir dos julgamentos subjetivos e formulados a partir dos valores culturais e morais que variam de cultura para cultura); e se inserem dentro da problemática das representações (estados mentais intencionais que se apoiam em crenças em um duplo movimento de simbolização do mundo e auto-representação).

Lima (2007), Charaudeau (2000) e Elster (1995) falam de uma *visée* racional das emoções inscritas nesse quadro de racionalidade, no qual é preciso que o sujeito tenha conhecimento sobre as emoções, além das representações sobre elas. Tais atributos são alcançados por meio de conhecimentos vindos da própria experiência do vivido e de seus valores atribuídos.

É o que, de certa forma, compartilha Plantin (2003) em sua abordagem sobre o papel das emoções no discurso. Para o autor, as emoções são reconhecidas por uma competência emocional de ordem interacional que o sujeito tem a partir das suas vivências. Essas emoções seriam organizadas socialmente dentro do que o autor chama de institucionalização das emoções. É esse grau de institucionalização que rege a modalidade interacional das emoções e os moldes comunicacionais de cada ritualística definidos pela cultura em que estão inseridos (como casamentos e velórios), sobre diferentes modos semiológicos.

Outra contribuição de Plantin (2003) vem do alerta de que as emoções por si não podem constituir um objeto de análise para a AD, uma vez que os métodos utilizados pelas ciências da linguagem não são suficientes para modalizar os processos internos dos sujeitos e detectar o que, de fato, ele está sentindo. Ao contrário, é necessário que o analista, na sua tentativa de expressar ou suscitar emoção, se atenha às manifestações emocionais expressas e possíveis de serem descritas e analisadas. O autor defende, por fim, que existe uma estrutura discursiva de exibição emocional e uma forma particular para essa exibição que deve ser considerada nas análises.

Para Mendes (2010), mesmo com pontos de vista diferentes, Charaudeau (2010) e Plantin (2010) indicam caminhos para a necessidade de uma metodologia do estudo das emoções, “ainda que elas não sejam definitivas, pois sabemos que cada *corpus* traz suas particularidades e novas demandas de reformulações, em novas perspectivas instigantes a serem contempladas.” (MENDES, 2010. p 10-11).

Um último ponto que queremos destacar neste percurso, e que julgamos como extremamente importante para nossa análise, diz respeito à relação entre

emoções e crenças. Para Lima (2008), as emoções estão intimamente ligadas às crenças e às normas sociais a partir do fato de que é por meio dos valores socialmente (e culturalmente) partilhados que os sujeitos fazem inferências que são, por sua vez, realizadas a partir das representações que temos sobre o que nos cerca.

É na vida social que assimilamos regras e valores. A partir dos nossos imaginários sociodiscursivos que aprendemos a identificar nossas emoções, que são, assim, reguladas pelas normas sociais. Dessa forma, as emoções não têm uma conexão obrigatória com as que provocam, e sim, com as nossas crenças. “As representações do sujeito acerca de si e do mundo são determinantes da sua relação com as emoções.” (LIMA, 2008. p. 131).

### **Reflexões sobre o conceito de “tópicas” aplicadas ao nosso *corpus***

Na impossibilidade de discorrermos nossa análise sobre os muitos depoimentos da produção, optamos por analisar o depoimento de uma personagem que abordasse dois aspectos recorrentes na maioria das falas: as razões de morar na rua e sua condição de morador de rua. A partir desse recorte, optamos por um depoimento que nos trouxesse essas duas informações de forma sequencial, com o menor número de cortes e inferências possíveis (na tentativa de preservar a fala da personagem, que poderia ser expressa, segundo o que pensamos, de forma mais direta). Outro aspecto que pesou para a nossa escolha foi a clareza na fala (já que alguns depoimentos possuem muitas expressões inaudíveis), essencial para que a análise seja feita com mais rigor.

Dessa forma, temos como base para a nossa análise o depoimento de uma mulher que aparenta ter por volta de quarenta anos, negra, ex-presidiária, soropositiva e mãe de oito filhos. A partir da livre descrição do discurso, no próximo tópico, discorreremos nossa análise baseada nas tópicas

apresentadas pelo modelo proposto por Plantin (2010), em seu artigo **As razões da emoção**.

Antes, porém, é preciso aprofundarmo-nos um pouco mais na teoria que será a base de nossa análise. Sobre o conceito de tópica, o autor esclarece que se referem a um conjunto de regras que governam a produção de argumentos. Ao mesmo tempo, defende que “há argumentos na emoção quando a questão que emerge da confrontação discursiva se apoia sobre uma emoção e, como consequência os discursos que são construídos pelas respostas visam a legitimar a emoção.” (PLANTIN, 2010. p. 60).

Outro ponto que vale aqui mencionar é a necessidade, segundo o autor, de determinar quais são os atores e quais são seus lugares psicológicos no discurso, na tentativa de reconstruir o perfil emocional de um ator do discurso e, então, identificar os “termos da emoção”.

Buscando refletir, ainda, sobre o lugar de fala da nossa personagem, podemos considerar que, para nós, nosso sujeito é uma mulher de origem humilde, que se entregou aos amores da vida em uma sequência de relacionamentos (ou em um único relacionamento, não se sabe) que foram, filho após filho, gerando uma grande família. A natureza de sua relação possivelmente conturbada com seu parceiro (não se sabe se pai dos seus oito filhos) culminou em um crime passional pelo qual foi julgada e condenada.

Separada das filhas por quem chora diariamente, amargurada por não saber o paradeiro de uma delas, mora nas ruas de São Paulo (lugar onde foi entrevistada). Lá, rebate a violência da qual é vítima com violência (como forma de sobrevivência e defesa, tal como o homicídio que cometeu “por amor”). Entregue à dependência do álcool e doente (soropositiva), busca na fé em Deus forças para superar os desafios que a doença e a pobreza impõem.

Não quer ir para outro lugar porque ali, nas ruas, criou vínculos com um grupo de assistência social e com pessoas que não aponta precisamente: “vocês” e o “véio”. Embora predestinada pela mãe a ser “puta de zona”, luta para ser algo melhor, mais próximo do que sua avó gostaria que fosse: artista e freira.

Tem consciência da importância da prevenção contra o vírus HIV e não deixa de acreditar, e torcer, pelo amor. Mesmo na sua condição marginal – nos aspectos que a produção retrata – não abre mão do amor. Mesmo que, com ele, venha a humilhação.

Apresentamos nossa livre transcrição da fala da personagem:

**Moradora:** – Olha, como mulhé não é... como mulhé é mais difícil porque as vezes você tá assim, pensando em durmi, eu cato latinha a noite toda, eu não tenho paz na minha vida! Eu só tenho paz quando eu tô aqui na associação trabaiano porque você tá durmindo o cara chega prá te comê... você mete-lhe a faca, mete-lhe o cacete mesmo! Saca da mão uma arma, ou uma faca, um garfo, e mete mermo! Ou você mete ou numa noite vem quatro, cinco prá te pegá!

– Não, olha só! Se você beber e não se embriagar, tudo bem! Mas se você beber e... virá, virá e beber... eu bebo, a bebida já não faz mais efeito porque alcoólica. E agora que eu tô com HIV, o médico do hospital das clínicas já querem nem mais cuidar de mim porque falaram que eu... eu tô de um jeito que eu não tenho mais jeito.. só Jesus Cristo!

– Eu tomei uma facada mas não cheguei morre, eu cheguei matá meu próprio marido. Por amor!

– Aí eu corri pro Ceará, respondi dez anos de cadeia, quando eu vim o juiz pegou minha fia... não sei se vendeu, só conto com esse que tá no norte porque o resto? Entre tudo eu tenho oito.

– Minhas filha, todo dia eu sonho (lágrimas). E agora com esse HIV que o médico já falou que eu tô... não adianta, eu tenho que enfrentá! Eu tô me tratando na (inaudível), já tomei a vacina, é um mês prá ir lá pegar remédio. Eles só querem me dá remédio prá tosse, remédio pra tosse e querem que eu vá pra Campos de Jordão. Se eu for prá Campos de Jordão, como é que eu vou ver vocês? Como é que o veio vem?

– Ih, minha avó, o sonho da minha avó é que eu fosse artista! O sonho da minha avó era de ser freira e artista e trabalhá com padres. E o sonho da minha mãe era de ser puta de zona!

– Que elas transe com camisinha, e que é bom fazer amor. E que elas tenha fé lá em cima.

**Produção:** – Fazer amor na rua (inaudível)?

**Moradora:** – Olha, prá tudo Deus dá um jeito, só não dá pra morte! Bota uma lona grande, mete pedra pra o vento não vá e eu tenho vergonha de fazer, mas é o jeito!

## **Análise**

Para realizar a nossa análise, apresentamos, primeiramente, a tabela das tópicas da emoção propostas por Plantin (2010):

Tabela 1 – Tópicas da emoção

<b>T1</b>	<b>O quê?</b>	Remete a todo pré-construído eufórico e disfórico. Compreende as regras retóricas da mimese emocional: os conteúdos emocionantes que engendram emoção . Ex.: amigo/inimigo.
<b>T2</b>	<b>Quem?</b>	As emoções variam de acordo com a pessoa afetada. Algumas pessoas são capazes de desencadear mais emoção do que as outras. Ex.: ganhar na loteria não suscita o mesmo efeito se atinge uma família miserável ou rica.
<b>T3</b>	<b>Como?</b>	Remete ao “em quê”, de qual classe de acontecimentos o evento se origina. O autor ressalta o uso de ligações metafóricas com o domínios emocionalmente estabelecidos. Ex.:Diria que era um campo de batalha.
<b>T4</b>	<b>Quando?</b>	Remete ao modo de construção temporal e espacial dos eventos, excluídos e incluídos na temporalidade subjetiva da pessoa alvo da emoção. Ex.: No dia dos meus 20 anos.
<b>T5</b>	<b>Onde?</b>	Remete ao lugar emocionalmente marcado onde o evento se produziu. Relaciona-se com as pessoas-alvo de acordo com o eixo próximo-distante. Ex.: Morto na catedral.
<b>T6</b>	<b>Com qual intensidade?</b>	A emoção está ligada ao número de pessoas atingidas pelo o evento e, também, da oposição único/numeroso. Ex.: A maior catástrofe do transporte aéreo de todos os tempos. Um acontecimento sem precedentes!
<b>T7</b>	<b>Por quê?</b>	Refere-se à causa, razão, motivo do evento. Segundo o autor, esse topos está principalmente acidente foi provocado por um acidente de terra.
<b>T8</b>	<b>Quais as consequências?</b>	Refere-se aos ganhos e perdas materiais, às expectativas e à duração dos efeitos do fato. Ex.: falamos que o franco é forte, mas serão necessários sete francos para ter um euro.
<b>T9</b>	<b>Conformidade</b>	Refere-se ao fato do evento ser (ou não) compatível com as normas éticas e sociais. Esse fundamentalmente marcadas pela divisão de valores e interesses, é preciso conhecer a relação entre y e y' (o eu e o outro envolvido no acontecimento). Ex.: A pátria está em perigo.
<b>T10</b>	<b>Controle</b>	Refere-se à possibilidade de controle do evento por y. Segundo o autor, corresponde a alguns elementos descritos por Catto e Janney (1994), que são, em sínteses, eixos ligados ao controle(perto/longe); a especificidade (claro/vago); a evidência (confiante/inseguro) e a volicionidade (assertiva/não assertiva). Ex.: inexoravelmente.
<b>T11</b>	<b>Distância de y</b>	Refere-se à natureza da ligação do evento com y, bem como o grau de intimidade e proximidade sujeito de y: o evento implica, ou não, em pessoas ligadas a y? Está próximo ou distante de y? Etc. Ex.: Estrangeiros: pessoas como você e eu.
<b>T12</b>	<b>Agradável ou não para y?</b>	Esse topos é, ao mesmo tempo, elementar e conclusivo, porque corresponde à avaliação global do evento em si. Ex.: Genial!

Fonte: Plantin (2010)

Na sequência, apresentamos a aplicação da tabela na materialidade discursiva do nosso *corpus*. Segundo nossa análise:

**T1 (O quê?):** Essa tópica é identificada na oposição entre paz/trabalho: “Eu só tenho paz quando eu tô aqui na associação trabaçando”; ódio/amor: “eu cheguei matá meu próprio marido. Por amor!”; bem querer/mal querer: “o sonho da minha avó é que eu fosse artista (...). E o sonho da minha mãe era de ser puta de zona!”. Tais termos da emoção nos remetem a emoções ligadas à compaixão de quem vive mediada entre forças opostas (promiscuidade/pureza) que, igualmente, poderiam até determinar sua condição de exclusão e marginalidade.

**T2 (Quem?):** no discurso, nos remete às figuras da mulher, das filhas e do véio (que não se sabe se idoso ou apenas um codinome). De qualquer forma, o termo nos remete ao pai, ou ao avô da personagem – sujeitos mais fragilizados e passíveis de remeter a emoções como candura, pena e acolhimento.

**T3 (Como?):** refere-se aos termos “o cara chega prá te come”, “prá te pegá” no sentido metafórico de objeto, de consumo. Tais termos nos remetem ao sentimento de submissão (como a humilhação) e podem desencadear sentimentos ligados à revolta, indignação, espanto e asco.

**T4 (Quando?):** a expressão “dez anos de cadeia” marca a construção espaciotemporal onde o sujeito está incluso (“matei, após dez anos estou neste lugar”), que é, depois, reforçado por “e agora”. Temos, também, a expressão “minha avó/mãe sonhava que eu fosse”, que nos remete ao passado da personagem. Tais termos nos levam à construção temporal da saga da personagem, e desenham uma história de sofrimento que nos remete a emoções ligadas à tristeza e melancolia.

**T5 (Onde?):** identificamos a tópica nas expressões “Aí eu corri pro Ceará”, “só conto com esse que tá no norte” e “que eu vá pra Campos de Jordão” por pontuarem os lugares (geográficos) onde o evento se produziu e, no caso do terceiro termo (Campos do Jordão), como uma possibilidade de deslocamento do evento, que é recusado pelo sujeito pela distância dos que considera. Tais

termos nos remetem (no caso do Ceará e do norte) a emoções relacionadas à condição de retirante do sujeito (não pertencente àquele lugar), e na sua condição de não pertencente a ele: na prática, compaixão e identificação. Já Campos do Jordão remete ao distanciamento e à solidão.

**T6 (Com qual intensidade?):** está presente nas expressões “só conto com esse que tá no norte porque o resto! Entre tudo eu tenho oito”, “o juiz pegou minha fia” e “E que elas tenha fé”. Tais expressões determinam a quantidade de pessoas direta ou indiretamente envolvidas no evento, bem como a relação entre elas: a menção ao filho que está no norte em relação aos que não estão; a emoção ligada ao distanciamento destes em relação à mãe (solidão e ausência); a única filha que não está mais na guarda da mãe (abandono); e a relação da personagem com as outras mulheres que precisam ter fé (identificação).

**T7 (Por quê?):** refere-se às sequências “Eu tomei uma facada mas não cheguei morre eu cheguei matá meu próprio marido. Por amor! Aí eu corri pro Ceará, respondi dez anos de cadeia, quando eu vim (...)” e “E agora com esse HIV (...)”. Segundo Plantin (2003), esse *topos* está relacionado à imputação de responsabilidade, que, na primeira expressão, é justificada pela legítima defesa da vítima; e, na segunda, pela infecção pelo HIV, que pode ter ocorrido após a sequência de estupros que a vítima sofreu. Em ambos os relatos, a imputação de responsabilidade está relacionada à vitimização da personagem, que pode suscitar emoções ligadas à piedade e, por consequência, emoções ligadas ao dó, revolta, compaixão, perplexidade, entre outros.

**T8 (Quais as consequências?):** no discurso, são os termos “eu não tenho paz na minha vida”, “e mete mermo”, “a bebida já não faz mais efeito porque alcoólica”, “eu tô com HIV”, “eu tô de um jeito que eu não tenho mais jeito”, “Se eu for prá Campos de Jordão”. Acreditamos que tais consequências não são ligadas apenas às questões materiais. Ao contrário, podem ser de ordem moral, social e psíquica.

**T9 (Conformidade):** identificamos as seguintes expressões: “e eu tenho vergonha de fazer, mas é o jeito!”, “eu tô de um jeito que eu não tenho mais jeito... só Jesus Cristo!”, “Olha, prá tudo Deus dá um jeito, só não dá pra morte”. Neles, é claramente identificável a relação entre os valores e as emoções: na primeira expressão: vergonha/inconformidade; na segunda: lamento/fé em Deus; e, na terceira: esperança/fé.

**T10 (Controle):** essa tópica é identificável principalmente nas expressões “Ou você mete ou numa noite vem quatro, cinco prá te pegá” e “já tomei a vacina, é um mês prá ir lá pegar remédio”, que demonstram certo controle da personagem em alguns pontos do evento. No restante do discurso, entendemos que o sujeito é posto como vítima de uma situação da qual não tem controle, domínio. Entendemos que as emoções ligadas às tópicas do controle são da ordem do alívio, da esperança.

**T11 (Distância de y):** identificamos que as expressões “Olha, como mulhé”, “que elas tenha fé”, “como é que eu vou ver vocês?” marcam uma relação de proximidade com grupos femininos (sofrimentos de mulheres para mulheres) e com um “outro” indeterminado, visto que, na terceira expressão, quando a personagem fala “vocês”, olhando para a câmera, direciona sua fala para um destinatário que está próximo, mas, ao mesmo tempo, longe, inacessível, pela sua condição de marginalizada, mas no qual deseja suscitar emoções ligadas ao sentimento de ligação, vínculo.

**T12 (Agradável ou não para y?):** esse *topos* de tom conclusivo está presente na última frase do depoimento, quando sua interlocutora ausente (na produção) questionou se não tinha vergonha de fazer amor na rua: “eu tenho vergonha de fazer, mas é o jeito!”. Destacamos que o ato de fazer amor na rua remete à ideia de fazer muitas outras que poderiam suscitar emoções ligadas à humilhação pública, mas que a personagem define como irremediáveis. Ao mesmo tempo, afirma a importância de viver esse mesmo amor que nega no

princípio do discurso quando vinculado com a agressão. Esse amor seria, então, voluntário e natural a cada um de nós, inclusive a ela mesma diante das amarguras da vida.

Ao final desta análise, gostaríamos de salientar alguns pontos em relação às tópicas de Plantin (2003). Um deles é o fato de as emoções poderem ser designadas de forma direta (claramente explícita), indireta (a partir de signos linguísticos presentes no enunciado), a partir de lugares comuns situacionais e atitudinais (os discursos culturais que ligam alguns lugares comuns a algumas emoções) e a partir de enunciados psicológicos de ordem polissêmica.

Outra ponderação necessária a ser feita é que, quando falamos de termos de “emoção”, compartilhamos do entendimento de Lima (2008) de que este abrange paixão, sentimentos, afetos, e outros termos ligados à ordem do patêmico, que, conforme Charaudeau (2010), estão relacionados ao contexto sociocultural em torno do qual as relações languageiras de troca se inscrevem, dependendo diretamente do contexto situacional de produção do discurso, bem como do contrato comunicativo entre os sujeitos do discurso e as crenças e valores compartilhados.

Um último ponto a ser destacado é a relação direta desses termos da emoção com as representações que, para Charaudeau (2010), podem ser associadas aos imaginários sociodiscursivos. Para o autor, quando o processo de configuração simbolizante do mundo se faz por meio de signos enunciados que significam fatos e gestos, estes testemunham, ao mesmo tempo, a forma como o mundo é percebido pelos sujeitos e os valores que eles atribuem aos fenômenos percebidos. Dessa forma, os termos da emoção no discurso que referimos torna-se objeto de partilha entre os sujeitos do discurso, contribuindo para a construção de um saber comum (saber de crença).

## Resultados e discussões

Para nossas considerações, achamos por bem refletir sobre as condições de produção do discurso. Nosso *corpus* está inserido em uma produção documental. Uma primeira análise nos levaria a afirmar que pelo estatuto próprio do gênero, este é capaz de suscitar “efeitos de real” no público.

No entanto, nos valendo das considerações de Mendes (1983) – em sua proposta de remodelagem das abordagens de efeito de real, ficção e gênero, a partir dos instrumentos oferecidos pela AD – entendemos que são os dados do contrato situacional da produção que nos imprime esses efeitos (no nosso caso, efeito de real). Assim, esses efeitos não estão diretamente relacionados ao estatuto, e sim, aos tipos de saber que são compartilhados entre os interlocutores, às formas de troca que se estabelecem na narrativa, ao “peso” da instituição social que está presente no discurso e a alguns dados periféricos (como os próprios vindos do suporte da narrativa).

Ainda sob esse aspecto, a autora afirma que os efeitos de discurso produzidos por uma troca linguageira constituem dados essenciais para a encenação de uma situação de comunicação dada, que se articula a um projeto de fala do sujeito. Dentro desses efeitos, o “efeito de real” está ligado à racionalidade (embora, na produção, observamos, estejam amalgamados pelas marcas do patêmico).

Para Mendes (1983), citado por Charaudeau (2008), todo sujeito é capaz de fabricar em seu discurso efeitos de fala, cenas do real, por meio de objetos, personagens e eventos que são apresentados como se existissem por si próprios, com um valor referencial que faz deles transparentes frente ao mundo verdadeiro ordenado, organizado e objetivado por um certo consenso. Para nós, esse ponto é claro na fala da nossa personagem sem nome, porque o nome não foi indicado na produção nem no discurso (sob forma de legenda).

Ora, como sugere a produção, nossa personagem tinha conhecimento dos objetivos daquela tomada de fala. Tal fato nos leva a considerar que sua enunciação foi racionalmente voltada para um público visado: “Se eu for prá

Campos de Jordão, como é que eu vou ver vocês?”. Ela não especifica o “vocês”, mas este poderia ser a produção, seu enunciador, ou o que está além dele, na parte externa da situação de fala: o público espectador da produção, os moradores dos grandes centros urbanos dos quais está à margem.

Ao mesmo tempo, no discurso que analisamos, não temos a noção exata de como se desenhou a interação discursiva entre os atores – personagem e cineasta/produção – pela própria edição do depoimento e pela ausência das falas do coenunciador (diretor ausente). Com apenas uma exceção, não é possível saber qual foi a pergunta direcionada para a personagem. A narrativa da personagem é um amontoado de respostas descontextualizadas pela edição da produção.

Assim, acreditamos que, no discurso em que analisamos, houve a construção de uma estratégia para que nos emocionasse, e para que a condição de moradora de rua fosse justificada (pela falta de oportunidade, pela força do destino, pela doença, entre outros fatores). Tal entendimento – que aqui, esclarecemos, se abstém de qualquer juízo de valor em relação à personagem, e que se atém somente à análise do uso dos termos da emoção no discurso – nos aponta a relação exata entre as emoções com as três concepções de Charaudeau (2010) acerca das emoções: de ordem intencional, ligadas aos saberes de crenças, inseridas dentro da problemática das representações, além das demais contribuições que aqui relacionamos.

Nosso estudo se restringiu às marcas linguísticas. No entanto, o documentário, certamente, se apresenta como um terreno fértil para a análise desses outros signos.

### **Abstract**

The pointing of language marks of emotion in the discourse of *cinema-direct*, based on the Brazilian documentary “À margem da Imagem” (2003), from director Evaldo Mocarzel, represents our research challenge. We start from the empirical understanding that such marks, specifically present in the discourse of this production type, determine the entire discursive arrangement that aims to move and persuade. In the light of the Discourse of Analysis theories, using as a

methodology Plantin's diffuse proposals (2010), we intend at the end of this article, to point out other reflection perspectives for the discourse studies.

**Keywords:** Emotions; Discourse; Documentary.

## Referências

CHARAUDEAU, P. Patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I.L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Tradução de Renato Mello. v. II. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.

LIMA, Helcira. Patemização: emoções e linguagem. In: MACHADO, I. L. MENEZES, W. MENDES, E. (Orgs.). **Emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 140-149.

LIMA, Helcira M.R. Patemização no tribunal do júri: emoções, imagens e discursos. **Estudos da Língua(gem)**. v. 6, n. 1. p. 127-142, jun./2008.

LEITE, Sydinei Ferreira. **Cinema brasileiro**: das origens à Retomada. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

MENDES, Emília. Por uma remodelagem das abordagens de efeito de real, efeito de ficção e efeito de gênero. In: LARA, G. M. P., MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. **Análise do Discurso Hoje**. v. 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008. p. 199-220.

MENDES, Emília. Prefácio. In: MENDES, E.; MACHADO, I.L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. v. II. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 7-22.

PLANTIN, C. Structures verbales de l'émotion parlé et la parole émue. In: COLLETA, Jean-Marc; TCHERKASSOF, Anna (dir.). **Les émotions: cognition, langage et développement**. Belgique: Mardaga, 2003. p. 97-130.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: MENDES, E. MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Tradução de Emília Mendes. v. II. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010. p. 57-80.

### **Filmografia**

À margem da Imagem. Direção Evaldo Mocarzel. São Paulo: Produção Independente, 2003. 1 DVD (72min), son., color.

POETA de sete faces. Paulo Thiago. Belo Horizonte: LK-TEL VIDEO, 2002. 1 DVD (94 min)

RUA da amargura. Direção: Rafael Conde. Belo Horizonte: Filmegraph, 2003. 1 DVD (14 min), son., color.